

# Para uma teoria da construção social do espaço e da espacialidade humanos



LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial: la construction sociale de l'espace humain*. Seuil: Paris, 2007.

*Cláudio Smalley Soares Pereira*

 clasmalley@hotmail.com

O livro que aqui é apresentado levanta questões as mais pertinentes para o debate em torno da Geografia e das ciências humanas e sociais. O autor é Michel Lussault, professor de Geografia da *École Normale Supérieure* (ENS) de Lyon, geógrafo cujo interesse das pesquisas é voltado para as relações entre os indivíduos e os espaços de vida, tendo aí a urbanização e a teoria geográfica um destaque em suas análises. Lussault, que é pouco conhecido no Brasil, apresenta em *L'homme spatial: la construction sociale de l'espace humain* uma análise profunda e instigadora da realidade geográfica do mundo contemporâneo, tratando de assuntos os mais diversos, que interessam tanto aos geógrafos como aos não geógrafos que tem se dedicado ao debate da dimensão espacial da sociedade, em particular à problemática do urbano e da urbanização.

De um ponto de vista mais geral, Lussault não foge das grandes questões que estão postas no debate das ciências sociais, principalmente a sociologia, a antropologia, a história, o urbanismo, a filosofia, a ciência política e a semiologia, que figuram no escopo do debate. A urbanização, o planejamento, as relações entre cidade e campo, mas também o papel do indivíduo, suas ações e práticas espaciais na construção da espacialidade, entre outros, são temas abordados pelo autor ao longo do livro. Importa mencionar, também, que preocupações já clássicas dos

estudos que tematizam a dimensão espacial da sociedade, como a relação espaço-tempo, debatida por Santos (1978, 1996), Soja (1993 [1989]), Harvey (2008 [1989]) e Massey (2008 [2005]), para ficar apenas nos geógrafos que se dedicaram à questão, figuram no decorrer das páginas do livro.

A proposta apresentada por Lussault é ousada: construir uma teoria geográfica da sociedade. Esta proposta se apoia em duas hipóteses que são desdobradas ao longo do livro: a) “o homem é um ‘animal espacial’” e b) “as sociedades são um arranjo de espacialidades” (p. 9)<sup>1</sup>. Para o autor, “o mundo social se constitui pelo espaço como mundo da experiência compartilhada pelos indivíduos e pelos grupos”, sendo esta a “hipótese forte do livro” (p. 30).

O livro, em sua estrutura, se divide em três partes, que são atravessadas pelo mesmo raciocínio, apresentado no prefácio (*avant-propos*) e na abertura (*ouverture*). Na primeira parte (*L'espace des sociétés*), dividida em dois capítulos, Lussault propõe uma teoria dos espaços das sociedades; na segunda, dividida em três, ele muda o foco, sem abandonar o anterior, para a espacialidade (*Faire avec l'espace*); e na terceira e última parte do livro, (*Variations géographiques sur le thème de l'urbain*), com dois capítulos, a teorização proposta nas partes um e dois é empregada na análise do mundo urbano contemporâneo. Há ainda um epílogo, que no livro tem um papel de conclusão e alguns apontamentos a respeito do “habitar”.

Nos dois primeiros capítulos, Lussault, inspirado na filosofia de Peter Sloderjik, foca nos fundamentos do espaço e da espacialidade, tratando a distância e a separação como elementos fundamentais da dimensão espacial de toda sociedade. As distâncias, segundo ele, são multidimensionais e aparecem no curso da história da sociedade, sendo o ‘espaçamento’ esta manifestação física da distância. Debate, também, o papel das técnicas e da tecnologia nas distâncias, enfocando dois aspectos que para ele são centrais: a copresença e a mobilidade. A partir disso ele elabora uma crítica à noção de não-lugar, e aborda o espaço e a coespacialidade como constitutivos das sociedades contemporâneas hipermóveis. O espaço é, para ele, um híbrido entre material e ideal que envolve representação, imagens e possui quatro atributos: a) a escala, que “define o tamanho do espaço”; b) a métrica, que “é a maneira de medir a distância no seio de um espaço concernente”; c) a substância, que consiste “[n]a dimensão não espacial dos objetos espaciais”; e d) a configuração, que “é a expressão formal da economia racional dos objetos espaciais” (p. 88).

O lugar, a área e a rede são as espécies de espaços do geógrafo nas quais o

---

1 Para permitir maior fluidez na leitura, optei pelas traduções no corpo do texto, todas de minha inteira responsabilidade.

autor se aprofunda no segundo capítulo, mostrando como o espaço não é fruto de dinâmicas naturais nem de adaptações ao meio ou submissão às estruturas sociais. O espaço é fruto de agenciamentos que são dotados dos quatro atributos anteriormente caracterizados (escala, métrica, substância e configuração). O lugar envolve as identidades espaciais – *inventadas* coletivamente pelos atores de uma dada sociedade –, sendo, assim mesmo, uma entidade espacial indivisível porque é a “menor unidade espacial complexa” (nos termos de Lussault), que apresenta uma modulação (*topos* e a *localização* – esta última em sentido de *posição*) e dois tipos de lugar (o lugar-superfície e o lugar-movimento).

A área, por sua vez, é caracterizada como diferente do lugar, divisível, e em uma escala maior, que tem na contiguidade e na continuidade suas principais características. É, para o autor, um espaço de métrica topográfica, diferente da rede, que tem suas principais características voltadas para a conectividade e a descontinuidade. A área é exemplificada por Lussault como território (tipo-ideal de área), superfície, zona e domínio; já a rede, como inverso da área, caracteriza-se pela métrica topológica, tendo a mobilidade, por exemplo, uma importância fundamental na construção desses espaços. O autor encerra o capítulo e a primeira parte do livro fazendo uma ponte entre o espaço e a espacialidade, esta sendo o tema específico da segunda parte do livro.

A segunda parte do livro é talvez a mais interessante. Nela, Lussault apresenta uma contribuição original para a análise das práticas espaciais dos indivíduos. Este tema é desenvolvido de forma interessante por ele, trazendo aportes os mais diversos, principalmente de Bruno Latour e de Paul Ricour, na tentativa de entender as práticas e ações espaciais dos indivíduos. Assim, o autor dá um destaque ao que ele chama de *operadores espaciais* ou *actantes espaciais*, que são categorizados em a) *humanos* (indivíduos [ator, agente] e coletivos), b) *híbridos* ou *quase-personagens* (coletivos, arranjo espacial<sup>2</sup> [paisagens, objetos espaciais etc.]) e os c) *não-humanos* (*operadores vivos* [animais, plantas] e artefatos, objetos técnicos). *Actante* é um termo geral, mas que “designa uma realidade social qualquer (não necessariamente uma pessoa) dotada de uma capacidade de contribuir à organização e à dinâmica de uma ação individual e/ou coletiva. Resumindo, toda entidade que é definível e distinguível, que é ativa em um processo social, que *opera* atos (p. 149). Lussault prefere a utilização de *operador*, mas deixa claro que esta é tratada como sinônimo de *actante*.

Com esta categorização, Lussault pretende não limitar sua análise às ações e práticas dos seres humanos, mas almeja mostrar que os quase-personagens e os

---

2 *Agencement spatial*, no original.

não-humanos fazem parte da complexidade do mundo espacial contemporâneo. Ele dá então exemplos a partir do Coronavírus, que foi capaz de modificar a experiência, as imagens, as ações e as práticas do espaço dos seres humanos em escala global. Analisa, também, as ações espaciais nos capítulos 4 e 5, que completam a parte dois do livro – além do capítulo 3 –, retomando os exemplos apresentados na abertura do livro, do Tsunami de dezembro de 2004 na Indonésia, e de Rosa Parks, que desencadeou todo o movimento dos direitos civis nos anos 1960 nos EUA, e faz uma análise de algumas partes do livro *Mémóires* de Saint-Simon. A estes exemplos o autor chama de *situação*, que se refere à manifestação da convergência relacional de vários *actantes*. Depreende-se, assim, que a geografia estudaria as situações, que envolvem vários *operadores/actantes* espaciais, que modificam a espacialidade humana, inclusive por meio da linguagem – a qual é analisada no capítulo 5, tendo a política local como mote que guia a discussão, usando exemplos de Liverpool, Lyon e Orleans. O autor defende, pela abordagem da espacialidade, que “o espaço não é pensado nem como um conteúdo neutro de funções, nem como um bem comercial, nem como uma superfície de projeção de relações sociais, nem como um simples atributo do político, mas como uma realidade construída na ação e que significa alguma coisa para alguém, para um operador” (p. 263-264).

A terceira e última parte do livro é dedicada à operacionalização das proposições teóricas das partes um e dois do livro. Esta operacionalização se dá por meio de análise e proposição conceitual, visando a uma renovação da abordagem sobre a realidade espacial mais importante das sociedades mundializadas: a urbanização. No capítulo 6 do livro, Lussault elabora uma diferenciação entre *citê*, cidade e urbano, que é ao mesmo tempo uma periodização. Em cada uma dessas “formas”, observam-se articulações entre copresença e mobilidade, tratados nos capítulos precedentes. Semelhante à argumentação de Henri Lefebvre, mas também se apoiando em Françoise Choay e Thierry Paquot, o autor argumenta que estamos vivendo um período de generalização do urbano, e que os fenômenos espaciais e processos atinentes ao urbano já não podem mais ser circunscritos apenas à cidade, visto que ela é um tipo específico de organização urbana da sociedade contemporânea; “o conceito de cidade não é mais o quadro de pensamento pertinente” (p. 300). São debatidas, também, as relações entre o urbano, a cidade e a imagem, além de argumentar em favor de uma nova condição urbana que articula uma abordagem das estruturas e das práticas espaciais.

No último capítulo, são apresentados pelo autor quinze proposições para uma abordagem do urbano contemporâneo, numa tentativa de apresentar uma nova maneira de compreender as realidades urbanas. Em diálogo com essas proposições,

Lussault argumenta que o urbano se apresenta como o horizonte das sociedades, que se manifestam em maneiras distintas de territorialização que envolvem identidades e questões relacionadas às governanças. As dimensões cultural, étnica e de identidades aparecem na argumentação do autor, que mostra, a partir de vários exemplos, que estas questões se articulam com a separação e a segregação. Para o autor há uma legitimação de um princípio separativo, que exacerbado e tendo como referência grupos e classes, transforma-se em segregação: “Não há situação urbana, no mundo, onde o fato segregativo não apareça, às vezes até sendo um modo fértil de organização” (p. 321). Urbanidades, densidades e diversidades são debatidas e fundamentam a discussão dos geotipos (*géotype*), isto é, os diferentes tipos de espaço intra-urbano, que são: central, periurbano, suburbano, infraurbano, meta-urbano e para-urbano, e correspondem a maneiras específicas de combinação entre diversidade e densidade. É, em suma, a discussão a respeito do centro e da centralidade e das periferias que envolvem a urbanização contemporânea. O autor encerra o capítulo com reflexões em torno de um urbanismo pragmático, que aponta para a construção de um mundo urbano em comum.

O epílogo, no final do livro, surge como uma problematização do que foi abordado ao longo de toda a obra, apontando, todavia, para a necessidade de se pensar o habitar no mundo. O Mundo – com letra maiúscula, mesmo – é uma “realidade geográfica inédita” um produto das “ações de habitar”, ações e práticas cotidianas que se dão em escalas pequenas e grandes. Lussault considera que “*a ação primordial do homem espacial é de habitar*” (p. 348). A concepção de geografia do autor é então posta às claras e com todas as letras: trata-se de “uma ciência da habitação humana”, que visa a compreender como se pode habitar o espaço terrestre, em todas as escalas, do lugar ao mundo.

## Referências

- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2008 [1989].
- LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial: la construction sociale de l'espace humain*. Seuil: Paris, 2007.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A Natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [1989].

\* \* \*

### Sobre o autor da resenha

*Cláudio Smalley Soares Pereira*: possui mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Presidente Prudente (SP), e atualmente é doutorando pela mesma instituição. É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe).

 **BCG**: <http://agbcampinas.com.br/bcg>